



A LISTA DE LEITURA

«Uma história serenamente bela sobre a magia dos livros e a alegria dos relacionamentos humanos.»

Newsweek



**TOP
SEL
LER**

SARA NISHA ADAMS

Finalista do Prémio Goodreads para Melhor Livro de Ficção

Prólogo

A LISTA DE LEITURA

2017

As portas são novas: abrem-se automaticamente. São elegantes. Aí está uma coisa que mudou desde a última vez que Aidan ali esteve. A primeira coisa em que ele repara são as filas esparsas de livros — quando era mais novo, *mais pequeno*, as prateleiras pareciam não ter fim, cheias de livros de todas as formas e tamanhos. Mesmo quando ali trabalhou, numas férias de verão durante a sua adolescência, aquele espaço era um santuário para ele e, embora nunca o tivesse admitido aos amigos, adorava perder-se entre as pilhas e pilhas de dicionários, enciclopédias e outras obras de referência. Talvez esteja apenas a olhar para o passado através de lentes cor-de-rosa, imaginando algum tipo de país dos livros, maravilhoso e mágico, que nunca existiu realmente. Agora, porém, com 22 anos, já não é um rapaz, mas sim um homem, e ali está ele novamente à procura de um lugar para se esconder — do mundo, dos amigos, da família.

O bibliotecário levanta os olhos por breves instantes quando ele entra pelas portas e sorri. Aidan é saudado pelo silêncio. Nas suas memórias, aquele lugar *nunca* era silencioso. Obviamente, isto é uma biblioteca... por isso, sempre foi um local tranquilo, mas também havia aquele ruído surdo — de pessoas a remexerem-se, de crianças a sussurrarem às mães, de pessoas a virarem páginas, a moverem cadeiras, a abanarem-se, a tossicarem e a fungarem. Hoje, mal se ouve um som. Alguém a escrever uma mensagem de texto no telemóvel. O bibliotecário a bater nas teclas daquele teclado velho e desajeitado. Mais nada.

Há pouco tempo, vira alguns cartazes onde se lia que era preciso salvar as bibliotecas de Brent afixados em quadros comunitários: no supermercado Tesco, no ginásio, até mesmo colados perto da estação de metro, a anunciar vendas de bolos para angariar verbas, clubes de tricô na biblioteca, protestos passivos, petições. Mas nunca lhe passou pela cabeça que a Biblioteca de Harrow Road precisasse de ser salva. Na sua mente, é popular, acarinhada, mas agora que ali está, o seu coração começa a cair-lhe aos pés... talvez a Biblioteca de Harrow Road seja a próxima a desaparecer.

Vagueia até às prateleiras da ficção, à secção dos policiais e thrillers e passa os dedos pelas lombadas, aterrando em *Black Water Rising*, de Attica Locke. Já leu aquele livro há alguns anos. Talvez até mais de uma vez. Quando começa a virar as páginas, à procura de um escape, é invadido pelas memórias... da Houston de Attica Locke, a cidade viva, vibrante, escura, cheia de contradições e contrastes. Hoje, ele precisa desse tipo de familiaridade, precisa de regressar a um mundo onde há sustos, voltas e reviravoltas, mas um mundo onde ele sabe como tudo vai acabar.

Ele precisa de saber de que forma *alguma coisa* vai acabar.

A mesa em que se aninhava quando era pequeno já não existe, o espaço foi todo reorganizado. Nada se vai manter igual só para lhe agradar, não aqui, não na sua vida. Este é outro verão mau. Porém, à medida que as palavras da história o invadem, ele traça as frases com os dedos, tentando recriar aquela sensação de ter os pés assentes na terra, de estar enraizado num sítio, de ser apenas um corpo, a ler palavras, permitindo que a sua mente vagueie por outras paragens. Consegue sentir a história a assumir o controlo da sua mente, a puxá-lo para longe. Os seus próprios pensamentos, as suas preocupações, aquela voz, começam a zumbir no fundo da sua mente e acabam por se tornar apenas ruído branco.

Quando era mais novo, a mãe levava-o ali com a irmã mais nova, Aleisha, que estava sempre mais interessada em brincar e dava pontapés e fazia barulho, pelo que Leilah tinha de a levar para a rua. Aidan nunca dispunha de mais do que alguns minutos sozinho, mas esses poucos minutos acalmavam-no, abrandavam o ritmo frenético dos

seus pensamentos, ajudavam-no a respirar, a escapar... àquilo de que mais precisasse naquele momento.

Um sonoro *Bam!* alerta-o para a presença de alguém ao seu lado. Evita o olhar dessa pessoa, mantendo os olhos cravados na página, já que não quer, por enquanto, permitir que alguém quebre o seu feitiço. Pelo canto do olho, vê um grande monte de livros empilhados. Uma barricada.

Ouve o barulho de uma cadeira a raspar no chão e pedaços de papel a serem retirados de dentro de uma mala, recibos amachucados, um talão da biblioteca, o verso de umas palavras cruzadas, deixando uma nuvem branca e amarrotada em cima da mesa ao seu lado.

Ele esforça-se por acalmar a respiração enquanto a pessoa ao seu lado começa a murmurar de forma quase inaudível. Não consegue perceber se se trata de uma canção, uma melodia ou um completo disparate. Vê uma caneta posicionada em cima do primeiro pedaço de papel; depois, segue os rabiscos rítmicos de uma esferográfica.

Aidan não tira os olhos da página, passando por cima das palavras do livro, acolhendo-as, tentando invocar a sensação que tivera da última vez que lera aquelas palavras por aquela ordem.

Durante alguns minutos, Aidan permite que a sua concentração entre e saia das páginas do livro, da biblioteca, e que depois avance para a estrada, viajando até Wembley. Pergunta-se como estará a sua mãe naquele momento. Teria Aleisha reparado que ele desapareceu? Puxa a sua mente de volta à sala, de volta à biblioteca, à pessoa sentada ao seu lado, rabiscando como se a sua vida dependesse disso.

Então, de repente, a pessoa ao seu lado levanta-se abruptamente, deixando um monte de pequenos pedaços de papel dobrados a poluírem a mesa. Ele observa, pelo canto do olho, os pedaços de papel a serem organizados numa fila, como se em câmara lenta, e um dedo a batucar em cada um deles à vez... a contar *um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito...* Depois, os pedaços de papel são todos enfiados dentro do primeiro livro da pilha — ele vê agora que é *Mataram a Cotovia*.

As mãos da pessoa ao seu lado ficam pousadas na capa do livro por breves instantes. Aidan percebe que não vira a sua página há já algum tempo. Pergunta-se se *a pessoa* percebe que ele está a observá-la. Pergunta-se porque é que o faz, na verdade. Então, logo de seguida,

os braços da pessoa, embrulhados numa camisola preta de malha grossa, estendem-se para a frente e puxam os livros para si. Com um gemido baixinho, a pilha de livros desaparece da sua visão periférica e ele ouve sapatos a raspar na carpete gasta da biblioteca, a moverem-se em direção à receção. Finalmente, a sua mente pode regressar à história.

Quando, por fim, se levanta da cadeira, a luz do final do dia já entra pela janela e a biblioteca está tal e qual como ele se lembrava: mágica. Parece um milagre, mas ele nunca acreditou nessas coisas. O sol projeta sombras alongadas na biblioteca desalinhada, banhando tudo num âmbar quente — parece que foi esculpido em ouro. Arruma a cadeira, levantando-a para não fazer barulho — embora já quase não se encontre ninguém que ele possa perturbar.

Então, vê um pedaço de papel solitário dobrado na mesa ao seu lado — as palavras cruzadas.

Vira a cabeça para a esquerda, para a direita e, lentamente, espreita por cima do ombro. Ninguém o está a observar. O seu braço estica-se, puxando o papel para si e, depois, desenrola-o — uma dobra de cada vez. Os seus dedos tratam o papel, pouco mais grosso do que uma mortalha, com delicadeza. Não o quer rasgar. Pensa na pessoa que ali esteve, que se manteve no anonimato, a escrever, a rabiscar, concentrada.

Quando desdobrou a última prega, o mistério foi subitamente revelado. A letra é elegante, ondulada, quente e convidativa.

Só para o caso de precisares:

Mataram a Cotovia

Rebecca

O Menino de Cabul

A Vida de Pi

Orgulho e Preconceito

Mulherzinhas

Beloved

Um Bom Partido

Mataram a Cotovia — o primeiro livro do monte enorme. O seu olhar percorre a lista toda. Não significa nada para ele — apenas palavras rabiscadas em pedaços de papel. Contudo, por breves instantes, ele pensa em levar a lista com ele, enfiando-a no bolso. Mas detém-se. Aquele pequeno pedaço de papel, tão bem dobrado, nada mais é do que a lista de leitura de um estranho. Para que é que ele precisa de uma coisa dessas?

Em vez de a guardar para si, volta a pô-la em cima da mesa e decide arrumar o seu livro, agradecendo secretamente a Attica Locke, e volta a colocá-lo na prateleira dos policiais e thrillers, para que outra pessoa o aprecie. Sai da biblioteca, as portas fecham-se automaticamente atrás dele. Volta-se uma vez mais e consegue ver o bilhete pousado exatamente onde o deixou. As sombras da biblioteca fecham-se atrás de si; os livros lidos e não lidos formam uma barreira entre ele e a lista. À medida que se afasta da biblioteca, sente a paz e o silêncio a afastarem-se dele, enquanto se dirige para as luzes e para os sons da cidade a que chama casa.

PARTE I

A MULHER DO VIAJANTE
NO TEMPO

de Audrey Niffenegger

Capítulo 1

MUKESH

2019

BIP. — Olá, papá. É a Rohini. Desculpa estar a telefonar-te outra vez, mas sabes que fico preocupada quando não me atendes ou não devolves uma chamada. Vamos aí visitar-te na sexta-feira, eu e a Priya, por isso avisa-me se precisares que leve alguma coisa, para comer ou para beber. Não estou lá muito convencida de que a comida que fazes seja nutricionalmente equilibrada, papá — tens de comer mais do que apenas mungo. E lembra-te de que hoje é dia de recolha do lixo; só os caixotes pretos hoje, está bem? Os caixotes de lixo verdes são na próxima semana. Liga à Param do número 87, se não conseguires fazer isso, está bem? Eu sei que as tuas costas têm andado a fazer das suas.

BIP.

— Pai, é a Deepali. A Rohini disse-me para te dar um toque porque não teve notícias tuas. Ela disse para te dizer que hoje é o dia do lixo, por isso, não te esqueças, está bem? Não faças como da última vez quando tiveste de sair a correr de roupão de manhã! Liga-me depois, está bem? Vou trabalhar agora. Adeus. Os gémeos também dizem adeus! Tchau, *Dada!*

BIP.

— Olá, papá, é a Vritti. Estás bem? Era só para saber como estás. Diz-me se precisares de alguma coisa. Posso ir aí dar um pulinho, só tens de me avisar quando estiveres livre. As minhas próximas semanas

estão um bocadinho ocupadas, mas consigo arranjar um tempinho, está bem?

E assim, o dia de Mukesh começou como quase qualquer outra quarta-feira: com três mensagens de voz idênticas das suas filhas — Rohini, Deepali e Vritti — à hora pouco recomendável das 8 da manhã, antes de elas começarem a trabalhar, sendo que, muitas vezes, Mukesh nem sequer estava acordado a essa altura.

Noutro dia da semana, ele poderia ter telefonado a cada uma delas, para lhes dizer que tinha os caixotes de lixo controlados, mesmo que não tivesse, e que não fazia ideia de quem era Param do número 87, embora fizesse — ele gostava de as manter em estado de alerta. Mas hoje não tinha tempo para isso.

Hoje era dia de ir às compras. Naina fazia sempre as compras às quartas-feiras. Desviar-se agora dessa rotina seria errado. Tinha de começar pelo princípio. Primeiro, verificou o frigorífico e os armários, organizados tal como Naina gostava, ou seja, tudo ao molho. Tal como ele suspeitava: precisava de quiabo e feijão-mungo. Ele *adorava* feijão-mungo, independentemente do que Rohini dissesse. Ele não cozinhava muito quando Naina estava viva, exceto nos últimos meses da vida dela, mas conhecia algumas receitas de cor. Foi isso que lhe permitiu continuar a viver. Afinal, para que é que ele precisava de «equilíbrio nutricional» na sua idade?

Quando saiu de casa, batendo com a porta atrás de si, foi surpreendido pelo calor do meio do verão. Tinha vestido demasiadas camadas *outra vez*. E tinha *sempre* calor. Algumas das outras pessoas «idosas» no *mandir* riam-se dele — quando tinham muito frio, Mukesh tinha sempre calor. Ele ficava muito incomodado com as manchas de suor nas axilas, embora lhe dissessem amiúde:

«Mukeshbhai, porque é que te preocupas com essas coisas? Agora estamos velhos. Isso já não importa.»

Mas Mukesh não queria ser velho e, se deixasse de se preocupar com manchas de suor, com arrotar em público, esse tipo de coisas, podia vir a deixar de se preocupar também com outras coisas mais importantes.

Ajustou o seu boné, que usava independentemente do tempo, para ter a certeza de que o sol não lhe acertava nos olhos. Tinha aquele boné

há 50 anos. Estava puído e coçado, mas ele adorava-o. Tinha durado mais do que o seu casamento e, embora ele não quisesse ser pessimista, se o perdesse, seria como perder outra parte fundamental de si mesmo.

Todas as semanas, subir a colina levemente inclinada que separava a sua casa da rua principal tornava-se um pouco mais difícil, custava-lhe um bocadinho respirar e, um dia, teria de chamar um táxi para fazer uma viagem de cinco minutos. Quando finalmente chegou ao topo da colina e virou à esquerda, respirou fundo, encostou-se a um poste, reajustou o saco de lona com o logótipo do *mandir* que lhe escorregava do ombro, e seguiu em direção à sua mercearia habitual na Ealing Road.

A Ealing Road era ligeiramente mais calma às quartas-feiras, razão pela qual Naina decidira que aquele seria o dia de fazer compras. Ela dizia sempre que isso reduzia as hipóteses de esbarrar com alguém que conhecesse, o que teria o potencial de transformar uma ida às compras de dez minutos num evento social de uma hora só para pôr a conversa em dia.

Algumas pessoas entravam e saíam das lojas que tinham lindos manequins a exhibir-se nas montras, envergando joias e tecidos brilhantes, mas a maioria frequentava as bancas de fruta e legumes, ou reunia-se junto da mesquita de Wembley Central. Mukesh acenou à sua vizinha Naseem e à filha, Noor, sentadas num muro, partilhando um pacote de fritos de mandioca. Não tinham conversado mais do que alguns minutos desde que Naina falecera, mas sempre que ele via Naseem e Noor, elas nunca deixavam de alegrar o seu dia.

Mukesh chegou finalmente à sua mercearia favorita, que transbordava de todo o tipo de vegetais, frescos e perfumados, mantidos à sombra pelo toldo. Estava cheia de gente, carrinhos de bebé e crianças. Mukesh sentiu uma pequena bolha de pânico na garganta. Viu Nikhil de pé à porta, como se estivesse à espera dele.

— Ei, Mukesh! — Nikhil tinha 30 anos e era filho de um conhecido do *mandir*. Portanto, na verdade, devia ter-lhe chamado «Mukeshfua», que significa tio, em sinal de respeito, mas Mukesh deixou passar o deslize, como frequentemente fazia. Ele não queria ser o *fua* daquele jovem, que ainda tinha todo o cabelo original, todos os dentes originais

e estava a algum tempo de distância do excesso de gordura em torno da cintura que Mukesh exibia ao longo dos últimos dez anos, mantido de forma constante por uma dieta de arroz, feijão-mungo e *kadhi*. Ele gostava de se ver como um amigo de Nikhil e não como o seu velho tio caquético.

— *Kemcho*, Nikhil — respondeu Mukesh. — Podes arranjar-me mungo, bastante, e um bocado de *bhindi* também?

— O que será que vai cozinhar hoje, hã, Mukesh?!

— Tu sabes o que vou cozinhar.

— Era uma piada. Sabe que o mungo e o quiabo nem sequer combinam, certo? Faça alguma coisa diferente. Por uma vez que seja, Mukesh. — Nikhil revirou os olhos na brincadeira, exibindo um sorriso dentuço.

— Sabes, jovem, devias chamar-me *fua!* Tenho de falar com a tua mãe sobre esta tua falta de educação. — Mukesh sorriu para si próprio. Mesmo que tentasse, nunca conseguiria ganhar o respeito que Naina outrora tivera. Ela era a responsável pelas relações-públicas do casal. Ela dirigia os *satsaangs* no *mandir* aos sábados, e conduzia os *bhajans*. Tanto os mais jovens como os seus pares tinham-na em elevada consideração.

Mukesh viu Nikhil a serpentear por entre a multidão. Finalmente, entregou a Mukesh um saco azul cheio de verduras. Quiabos e feijão-mungo em abundância, mas também muitos outros vegetais adicionais que ele atirara lá para dentro. A loja não anunciava que vendia «Alimentos Variados» sem razão.

Mukesh agradeceu, muito discretamente, e fez, por entre os compradores, o caminho de regresso à rua, onde os carros apitavam e buzinaavam, com as janelas abertas e música de todo o tipo a bufar lá para fora.

Quando chegou ao topo da sua rua, começou a andar «energicamente», ajudado pela inclinação descendente, destrancou a porta, dirigiu-se, a custo, para a cozinha e arrumou as compras (vegetais adicionais do dia: espinafres, coentros e um pãozinho ou dois, perfeito para *pav bhaji*, que Mukesh não fazia ideia de como se preparava). Por fim, sentou-se em frente à televisão.

Normalmente, à quarta-feira, arrumava as compras e depois sentava-se no cadeirão com os pés elevados, a bebericar uma chávena de *chai* quente e com o açúcar no ponto, como Naina costumava fazer (agora feito com saquetas prontas a utilizar), e deixava-se ficar em frente à Zee TV ou às notícias, para não olhar para o cadeirão vazio ao seu lado, o de Naina... e para encher os ouvidos de som, risos e conversas severas, assuntos mundiais importantes, para proteger a mente do silêncio ensurdecedor que o recebia sempre que chegava a casa todos os dias há dois anos.

Durante vários meses depois da morte de Naina, Mukesh não fora capaz de dormir na sua própria cama, porque estar lá sozinho fazia-lhe parecer que era um estranho em casa de outra pessoa.

«Papá, isso leva o teu tempo», dissera-lhe Rohini no início, e Vritti montara-lhe uma cama na sala de estar.

«Ele não pode dormir ali para sempre, aquilo vai dar-lhe cabo das costas», sussurrara Deepali às irmãs, depois de o aconchegar. Uma estranha inversão de papéis que o fez sentir um imenso sentimento de vergonha. Como poderia ele voltar a sentir-se completo, quando parte de si tinha partido para todo o sempre?

«Ele vai ficar bem. Está de luto. Não consigo entrar no quarto deles, mas vamos ter de limpar as coisas da mãe. Ela tinha tudo tão desarrumado!», sussurrara Rohini, em jeito de resposta.

Deitado no sofá da sala, Mukesh fechara os olhos, na esperança de bloquear o som das gargalhadas delas. Gargalhadas suaves e reconfortantes. Ele era o pai, ele é que devia estar a cuidar das filhas. Mas não conseguia. Não sabia como fazer isso sem Naina.

Ao fim de um ano, e quando começou o Tempo de Silêncio Eterno de Mukesh Patel, aquela fase de luto silenciosa e solitária, onde todos, menos ele, seguiram em frente, Rohini, Deepali e Vritti haviam voltado a insistir em limpar finalmente o quarto de Naina.

«Papá, não te vamos deixar adiar por mais tempo. Está na altura de seguires em frente com a tua vida.»

Assim, começaram a tentar separar a tralha de uma vida da mãe, reorganizando o caos organizado em que Naina prosperara. Deepali, que convenientemente tinha alergias ao pó, optou por fazer o almoço

para todos em vez de ajudar na arrumação. Pelo menos naquele dia, a casa voltou a estar cheia de vida — mas pelas razões erradas. Enquanto ouvia Deepali a misturar um preparado na cozinha, ficou à porta do quarto que partilhara com Naina a observar Vritti e Rohini. Elas não deram por ele. Estava a ser silencioso e invisível na sua própria casa, um fantasma de si mesmo.

Rohini assumira a liderança, gritando instruções a Vritti para desenterrar as caixas de debaixo da cama, enquanto ela corria de um lado para o outro, devolvendo um pente ao seu devido lugar numa caixa de sapatos em cima do guarda-roupa, dobrando xales e pondo-os numa grande mala com rodas e arrumando vários punhados de pulseiras. Mukesh via-as a arrastarem caixa atrás de caixa de debaixo da cama. Vritti ajoelhara-se no chão, com a face encostada ao tapete, e deslizara a mão para a esquerda e para a direita.

De repente, ouviu-se o ruído de algo a cair, um tinido barulhento.

«Oh, meu Deus! O que é que fizeste?», gemera Rohini, fitando a irmã. Vritti puxara a caixa para fora, revelando um frasco de vidro de iogurte com brincos desemparelhados. Depois, viera a caixa de sapatos da *Clarks* cheia de fotografias que os tinha entretido a todos durante horas a fio quando as crianças eram pequenas, sentadas ao colo de Naina ou Mukesh, a fazerem perguntas sobre as roupas com padrão de cornucópias que eles tinham vestidas e as calças à boca de sino garbadas. Mukesh sempre achara que tinham muito estilo. As raparigas riam-se disso.

Depois seguiram-se vários recipientes de plástico vazios. E, por fim, um livro da biblioteca, solitário e coberto de pó.

Vritti abrandara o ritmo por alguns instantes, segurando no livro, enquanto Rohini se ajoelhava ao lado da irmã.

«Papá», chamaram, em voz alta, ainda sem se terem apercebido de que ele se encontrava apenas a alguns metros de distância.

Deepali entrara também no quarto.

«O livro da mamã... bem... da biblioteca», dissera Rohini. «Pensava que os tinha devolvido a todos, mas este deve ter-me escapado.»

Ela mostrara o livro a Mukesh e ele avançara na direção dela, sem acreditar no que estava a ver. Era como se aquele livro poeirento,

nojento e pegajoso fosse uma espécie de miragem. Quando vira as outras relíquias da vida da mulher, praticamente não sentira nada. Mas ao ver aquele livro, ao ver o pó cinzento colado à capa de plástico em manchas irregulares, era como se Naina estivesse ali na sala com eles. Ali, com as suas três meninas e um dos livros de que Naina tanto gostava; e, por alguns instantes, apenas alguns breves instantes, não se sentiu tão só.

Antigamente, uma enorme pilha de livros da biblioteca ocupava a mesa de cabeceira de Naina. Tinham-lhe feito companhia no seu último ano. Ela lia os mesmos livros várias vezes seguidas. Os seus «preferidos». Mukesh desejava agora ter-lhe perguntado sobre o que é que eles eram, o que é que ela tanto gostava neles, porque tinha sentido a necessidade de ler os mesmos repetidas vezes. Gostava de os ter lido com ela.

E agora só lhe restava aquele único livro da biblioteca: *A Mulher do Viajante no Tempo*.

Nessa noite, com o quarto desprovido da confusão de Naina, Mukesh estalou a lombada, sentindo-se como um intruso. Aquela livro não era dele, nunca fora escolhido para ele, e talvez Naina também nunca tivesse querido que ele o lesse. Ele obrigou-se a ler uma página, mas teve de parar. As palavras não faziam sentido. Ele estava a tentar transformar as letras pretas e as páginas amareladas numa carta de Naina para si. Mas tal mensagem não existia.

Na noite seguinte, tentou novamente. Acendeu o candeeiro de leitura de Naina e abriu o livro novamente na primeira página. Passou as páginas seguintes, tentando ser suave, tentando ao máximo não deixar a sua própria marca naquele livro de uma forma tangível. Ele queria que aquele livro fosse Naina e apenas Naina. Procurou, com uma precisão forense, alguma pista: uma marca numa página, uma gota de *chai*, uma lágrima, uma pestana, fosse o que fosse. Disse a si próprio que, um dia, teria de o devolver à biblioteca — era o que Naina teria querido. Mas não conseguia separar-se dele. Ainda não. Era a sua última oportunidade de trazer Naina de volta.

Ele absorveu-o página a página, capítulo a capítulo. Conheceu Henry, uma personagem que podia viajar no tempo. Através deste

dom, podia conhecer uma versão passada ou futura de si mesmo, e foi também, talvez o mais importante, a forma como conheceu Clare — viajou no tempo para a conhecer quando ela era apenas uma menina e regressou vezes sem conta ao longo dos anos. O amor da sua vida. E Clare não teve outra escolha senão a de o amar, porque ele era tudo o que ela alguma vez tinha conhecido.

Começou a ver aquelas personagens não como Henry e Clare, mas como o próprio amor — aquele tipo de amor que parece destinado, inevitável. Ele e Naina haviam partilhado um amor assim. A dada altura, na história, Henry salta para o futuro e descobre que vai morrer. Ele diz a Clare que sabe quando isso vai acontecer, o momento em que se vão separar para sempre.

Enquanto Mukesh lia sobre a tragédia de Clare e Henry, o telefone ao seu lado tinha começado a tocar. Era Deepali. Ele não conseguia falar, só conseguia chorar.

«Eu sabia que ela ia morrer, minha *beta*», dissera-lhe ele, quando a sua voz conseguiu finalmente escapar. «Da mesma forma, a Clare sabia que o Henry iria morrer neste livro. Eles quase conseguiram contar os seus últimos dias juntos. Eu também tive um aviso desses. Mas será que fiz o suficiente? Será que a fiz feliz nos últimos meses?»

«Pai, do que é que estás a falar?»

«O livro da tua mãe, *A Mulher do Viajante no Tempo*.»

«O que é que tem o livro, pai?» A voz dela soava baixinho, ele conseguia ouvir a piedade nas suas palavras.

«O Henry e a Clare... sabes... amam-se um ao outro desde muito novos, tal como eu e a tua mãe. E eles sabiam quando ele ia morrer. E viveram as suas vidas o melhor que puderam, aproveitando cada momento ao máximo. Eu não sei se fiz o mesmo.»

«Pai, a mamã amava-te e ela sabia que tu a amavas a ela. Isso era o suficiente. Vá lá. É tarde, papá, vai dormir, está bem? Não te preocupes com isso de todo. Tu deste-lhe uma boa vida e ela também te deu uma boa vida a ti.»

Naina tinha morrido. Mas aquele livro pareceu-lhe ser um pequeno vislumbre da sua alma, do seu amor, da sua vida em conjunto. Um retrato dos primeiros dias do seu casamento, quando ainda eram

apenas dois estranhos. Casados, sem qualquer ideia de como era realmente o outro. Naina fazia tudo — cozinhava, limpava, ria, chorava, costurava, consertava e, no final do dia, lia. Instalava-se na cama como se tivesse tido o dia mais relaxante, e lia. Desde as primeiras semanas que passaram juntos, soube que a amava, e que a amaria para sempre.

Nunca me perderás, Mukesh, disse-lhe ela, então, enquanto ele segurava o livro nas mãos. Ele ouviu as palavras. A voz dela. A história — a história trouxera-a de volta, mesmo que apenas por alguns instantes.

Quando Mukesh esticou o braço para pegar no controlo remoto e dar continuidade à rotina do dia, a sua mão chocou com um livro. De cima da mesa da sala de estar, *A Mulher do Viajante no Tempo* fitava-o. *Está na hora de ir à biblioteca, nada de desculpas*, sussurrava-lhe o livro, numa voz que soava extraordinariamente como a de Naina. Era tempo de deixar aquele livro para trás, de seguir em frente. Agora, estava na hora.

Depois de respirar fundo algumas vezes e de fazer um pequeno alongamento das pernas, levantou-se, enfiou o livro no seu saco de lona, verificou os bolsos à procura do seu passe para o autocarro, e saiu de casa, subindo a colina. Atravessou a estrada nos semáforos para chegar à paragem de autocarro mais próxima. Aguardou, tentando ler o horário.

Uma jovem estava ao seu lado, com um carrapito algo desfeito e um telemóvel enorme, que segurava com as duas mãos.

— Desculpe, sabe dizer-me onde raio é a biblioteca e qual o autocarro que tenho de apanhar, por favor?

A jovem suspirou e começou a tocar no ecrã. Ele irritara-a, teria de descobrir outra forma, mas, semicerrando os olhos, não conseguia distinguir nenhum pormenor no mapa. Ficaria ali para sempre.

— Tem de apanhar aqui o 92 — disse a mulher de repente, fazendo Mukesh dar um salto. — Fica no Centro Cívico.

— Oh, *não!* Deve haver outra. O Centro Cívico está tão cheio de gente. É demasiado confuso para mim. Pode verificar outra vez?

A mulher mastigou a pastilha elástica ruidosamente, de mau humor. Olhou para o telemóvel.

— Não sei. Estão todas a fechar por aqui, não estão, as bibliotecas? — Ela respirou fundo audivelmente. Pouco depois, acrescentou: — Sim, está bem, há a Biblioteca da Harrow Road, ali em baixo: é o mesmo autocarro. Mas tem de atravessar a estrada.

— Obrigado, muito obrigado. Estou tão satisfeito. — Ele sorriu para ela, e depois, contra todas as probabilidades, ela sorriu-lhe também. Ao descer do passeio, de tanta excitação, esquecera-se de que as suas pernas se moviam devagar e sentiu uma dor lancinante no joelho. A mulher agarrou-o, com firmeza, mas suavemente.

— Tenha lá calma, tem de olhar para os dois lados primeiro. — Ela olhou para a direita, olhou para a esquerda, voltou a olhar para a direita e deu-lhe um toquezinho quando a costa ficou livre.

Do outro lado da rua, ele virou-se à procura dela, com a mão levantada a acenar. Mas o autocarro dela tinha chegado e ele já havia sido esquecido.

Quando o 92 chegou e parou à sua frente, ele subiu com esforço, içando-se para dentro do autocarro com todas as suas forças e tocando com o seu passe no leitor.

— Desculpe — disse ele ao motorista. — Por favor, diga-me onde tenho de sair para ir à Biblioteca da Harrow Road. — Ele enunciou as palavras como se fosse um Local de Interesse Altamente Importante. O motorista olhou para ele sem expressão.

— Na paragem da Ealing Road — acabou por responder.

— Obrigado, meu amigo, obrigado. Hoje é um grande dia para mim.

Capítulo 2

ALEISHA

— **A**leisha! — Dev do Termo bateu com a mão na secretária. — Vou estar fora o resto do dia. Mostra-te um bocadinho animada, se conseguires. Eu sei que isto não é a Tiger Tiger ou outra discoteca qualquer onde os miúdos como tu gostam de ir hoje em dia, mas as pessoas continuam a contar com um bom serviço ao cliente aqui.

Aleisha estava curvada por cima da secretária, com a sua expressão correspondente a «cara de cabra em repouso», como o seu irmão tão amorosamente gostava de lhe chamar. Ela olhou para Dev do Termo, sem se dar ao trabalho de se sentar direita. Dev do Termo era o gerente dela. Era um homem indiano alto, esquelético, que gostava de usar coletes de malha e que podia ser irritante, mas em relação ao qual ela também se sentia ligeiramente protetora. Na biblioteca, ele era O Chefe. Os bibliotecários corriam atrás dele, tentando agradar-lhe, mesmo quando ele estava sentado num canto a beber de um termo (ela sempre se perguntou se haveria realmente alguma bebida alcoólica no recipiente, porque eles tinham uma máquina de café chique — bem, mais ou menos — na sala do pessoal. Porque precisaria ele de levar o seu café?). Mas lá fora, ela imaginava que ele se encolhia até metade do tamanho, porque o mundo exterior, especialmente Wembley, não aceitava muito bem os homens que bebiam de um termo e usavam colete de malha o ano inteiro e que gostavam de dar ordens às pessoas. Ela temia que as pessoas gritassem com ele na rua se ele andasse

demasiado devagar, ou que lhe dessem um encontrão quando passassem por ele, fazendo com que entornasse o seu «café».

— Não se preocupe, chefe, isto hoje está completamente morto.

Ele arqueou o sobrolho, mas não podia discordar. Algumas crianças, choramingas e barulhentas, tinham estado lá mais cedo com os respetivos pais desinteressados. Cada uma delas tinha escolhido um livro e haviam prometido pagar as multas em atraso da próxima vez que lá fossem. Essas multas (20 *pence* e 67 *pence*) estavam na conta há três meses, destinadas a tornarem-se multas incobráveis. Aleisha deixou passar — ela não tinha vontade de policiar essas coisas. Aquele não era o trabalho dos seus sonhos (seria de alguém?) — era um mero trabalho de verão. Tinha terminado os seus exames em maio, por isso, aquele estava a ser literalmente o verão mais longo da sua vida.

«Será que as pessoas ainda vão a bibliotecas?», ouvira os seus colegas de escola perguntar quando ela conseguiu aquele emprego.

Tão parado. A morrer. Chato como o inferno. Tinha tentado um emprego na Topshop em Oxford Street — pelos descontos e por uma oportunidade de sair de Wembley durante algum tempo. Mas fora ali que tinha ido parar.

«É um templo de tranquilidade», dissera-lhe Dev do Termo depois da sua entrevista. «Orgulhamo-nos disso. Muitas bibliotecas têm vindo a fechar nos últimos tempos, tenho a certeza de que já ouviste falar disso, e estamos a fazer tudo o que podemos para mostrar a quem de direito que este espaço é *vital* para a nossa comunidade.» Tinha os braços bem abertos, rejubilando no silêncio abafado da biblioteca. «Muitos dos nossos frequentadores habituais vêm aqui porque obtêm aquele encantador sentido de companheirismo tranquilo, sabes? O teu irmão também costumava gostar disso neste local tão especial, não era? Como *está* o teu irmão?»

Aleisha acenara com a cabeça e encolhera os ombros em jeito de resposta. O seu irmão mais velho, Aidan, trabalhara ali quando tinha a idade dela.

«As pessoas são *infinitamente* fascinantes», dissera-lhe Aidan, quando ela lhe contara que tinha conseguido o emprego. «Tipo, só de ver as pessoas sentarem-se e ficarem caladas, ou a navegarem, ou o que

quer que seja, quando não se apercebem de que estão a ser vigiadas... É como se, não sei, as pessoas não tentassem ser alguém que não são quando estão numa biblioteca.»

Aleisha não tinha compreendido o fascínio que o irmão sentia. Dos dois, Aidan fora sempre o mais virado para os livros. Ele era aplicado nos estudos. Muitas vezes, aprendia só por aprender, enquanto ela fazia o que tinha a fazer só para obter as notas e nunca se aninharia com um livro como o irmão costumava fazer.

A mãe deles levava-os lá ocasionalmente quando eram crianças e Aleisha não conseguia suportar o silêncio. Ela dava pontapés e gritava — só queria ir correr no parque que ficava mesmo em frente. Já mais velhos, Aleisha nunca regressara sozinha à biblioteca, mas Aidan costumava ir para lá depois das aulas, por vezes para fazer os trabalhos de casa, mas sobretudo para ler livros por diversão.

Assim que Aleisha disse que a Topshop não a aceitava, Aidan sugeriu a pequena, silenciosa e bafienta Biblioteca de Harrow Road. Poder-se-ia dizer que aceitara aquele trabalho pelo irmão, esperando, de alguma forma, deixá-lo orgulhoso.

— Eu também vou sair, Aleisha. Ficas bem sozinha durante um bocadinho? — Lucy, uma das duas voluntárias da biblioteca, saiu de entre as estantes.

Dev do Termo explicara que não havia verba suficiente para empregar mais pessoal — não havia incentivo suficiente para haver duas bibliotecas perfeitamente boas a funcionar, quando a do Centro Cívico era toda chique; por isso, tinham de fazer tudo o que estivesse ao alcance deles para cortar custos, enquanto prestavam «o melhor serviço possível». Lucy vivera em Wembley durante anos e a Biblioteca de Harrow Road sempre fora a sua biblioteca de eleição, quando recebia as verbas necessárias. Ela adorava falar sobre os bons velhos tempos, quando as crianças por lá se amontoavam nas férias.

«Esta biblioteca costumava ser tão cheia e vibrante, sabes, Aleisha? Gosto de voltar aqui duas vezes por semana, faz-me lembrar os meus pequeninos. Eles tornaram-se leitores aqui.» Lucy adorava recordar o passado. Já tinha contado aquela história a Aleisha pelo menos 15 vezes, dizendo sempre: «Interrompe-me se por acaso já te tiver contado isto.»

«É mais calmo hoje em dia, as crianças devem estar a jogar Xbox e coisas desse género, acho eu!», continuava Lucy. «Mas os meus pequenotes inalavam cada página em que punham as mãos.»

Uma das filhas de Lucy era dona de um salão de cabeleireiro, depois, tinha aberto mais dois ou três ali na zona e estava a sair-se muito bem. O filho tornara-se contabilista e trabalhava para um escritório de advogados no centro da cidade. Lucy tinha um orgulho infinito nos dois e dava sempre graças «àquela biblioteca».

— Hoje está tão tranquilo, não está? — Lucy olhou para ambos, vestindo o seu casaco de verão, e dirigindo-se às portas. — O dia perfeito para relaxar com um livro — piscou-lhes o olho. — Até para a semana!

Estava *mesmo* tranquilo. Lucy e Aidan tinham razão quanto a isso. Contudo, com a tranquilidade vinha o tédio, e hoje estava a ser mesmo difícil.

— Talvez — disse Dev do Termo, virando-se para Aleisha quando chegou à porta — pudesses dar uma olhadela na pilha de devoluções? Tens de te certificar de que retiras tudo o que pode ter ficado entre as páginas. Alguns dos nossos clientes habituais — *O quê? Todos os cinco*, pensou Aleisha para si própria — queixaram-se de terem encontrado porcarias presas nas páginas. Há luvas de látex na gaveta. Sei que o Kyle costuma gostar deste trabalho, mas seria uma grande ajuda se o conseguisses fazer hoje.

É *claro* que Kyle, o menino bonito, adorava os trabalhos nojentos e muito diligentes. Aleisha considerou ignorar completamente aquelas instruções... mas olhou em redor, perscrutando a sala. Silenciosa. Havia um rapaz a ler num canto; uma mãe e o filho na secção das crianças, todos a fazerem o que tinham a fazer. Ninguém precisava dela. O seu telemóvel estava pousado na secretária: sem mensagens novas. O velho relógio pendurado por cima da porta marcava 13h30. Ainda lhe restavam horas e horas e, sem nada para fazer, o tempo parecia simplesmente parar. Então, abriu a gaveta da secretária, calçou umas luvas de látex, que se lhe colaram aos dedos e começou a trabalhar.

Dez minutos depois, já conseguira formar duas pilhas. Coisas a descartar: alguns bilhetes de metro, recibos antigos e um bilhete rasgado para ver o Stormzy, datado de 2017. Coisas para guardar: um solitário

cartão de fidelidade de um restaurante de frango — ao qual já só faltava um carimbo para ficar completo. O pobre Kyle ia roer-se todo por ter perdido aquele tesouro.

Assim que começou a abrir um exemplar particularmente nojento de *Guerra e Paz*, viu, pelo canto do olho, um velhote do outro lado das portas de vidro da biblioteca. Estava a tentar empurrar as portas para que se abrissem. Como não conseguiu, tentou agitar os braços.

Caraças, pensou ela, *há um botão para carregar mesmo à sua frente*. Logo agora que ela pensava que poderia ficar sozinha o resto do dia. Revirou os olhos e ficou à espera a ver se ele percebia. Com sorte, ele perdia a paciência e desandava dali para ir tratar dos seus outros afazeres.

Porém, Aleisha não podia estar mais errada. Ele persistiu, em vão. Ficou ali, esticando-se, com uma mão na base das costas e o pescoço o mais esticado possível, a espreitar cada centímetro das portas, à procura de uma pista. Os seus olhos iam da esquerda para a direita — seguidos pela cabeça, logo atrás.

Nada.

Ela esperou um pouco mais, mas quando ele começou a esticar as mãos para chegar ao topo das portas, Aleisha cedeu. Não precisava que Dev do Termo gritasse com ela por ter sido negligente se aquele homem caísse ou algo assim, ao tentar subir por uma janela no andar de cima.

Tirou os auscultadores, encaminhou-se para a entrada e carregou no botão para abrir as portas. Viu-as, depois, a afastarem-se para os lados.

— *Aha!* — disse o homem, do outro lado, encantado consigo próprio.

— Acabei de carregar no botão. Também há um botão lá fora.

— Oh, obrigado, menina. — Ele acenou com a cabeça.

Aleisha regressou lentamente à secretária, colocou de novo os auscultadores, com as luvas de látex prontas a usar.

Porém, quando voltou a levantar os olhos, o velho estava exatamente onde ela o tinha deixado. No lado errado das portas, que agora se tinham fechado automaticamente atrás dela. Aleisha revirou os olhos e decidiu não o ajudar desta vez.

— Desculpe, menina!

Ele estava agora a bater à porta com uma mão, a apalpar freneticamente com a outra, à procura do botão que lhe tinha escapado. Aleisha sentiu que não lhe pagavam o suficiente para aquilo.

Depois de 30 segundos em que o homem continuava às apalpadelas e a bater à porta, a mãe decidiu levar o filho para casa, deixando o velhote entrar enquanto saía. Desta vez, ele não perdeu a sua oportunidade e saltou diretamente para dentro, caminhando até à secretária de Aleisha. Ela fixou os olhos na sua pilha de papelada para deitar fora, fingindo concentrar-se, com a esperança de que ele percebesse que ela estava ocupada e a deixasse em paz.

Mesmo por cima da música que estava a ouvir, ela conseguia ouvi-lo a dizer repetidamente «Desculpe, menina». Depois, ele começou a bater na secretária dela. Quando o dedo dele começou a deslizar até à campainha, ela olhou-o diretamente nos olhos.

— Em que posso ajudá-lo? — Sorriu docemente, usando a sua voz educada que parecia dizer «olhe para mim, sou uma bibliotecária».

— Estou a querer devolver... — E depois de um momento de silêncio, o seu rosto empalideceu. — Não, lamento, na verdade — abanou a cabeça vigorosamente —, eu disse que estou à procura de alguns livros.

Ela reparou que ele trazia firmemente encostado a si um pequeno saco de lona, como se a sua vida dependesse disso.

— O senhor está no lugar certo — sorriu ela.

— Não, menina, preciso da sua ajuda. Por favor, ajude-me.

Ela suspirou.

— Em que posso ajudá-lo?

— Eu... — A voz falhou-lhe e ficou quase inaudível. As suas faces tinham adotado um leve brilho cor-de-rosa e ela conseguia ver as orelhas dele a ficarem de um vermelho fluorescente. — Não sei bem... que... livros. Pode arranjar-me algumas histórias?

— Pode utilizar as máquinas de *self-service* para isso.

Ela apontou para as secretárias dos computadores.

Ele olhou para os computadores e baixou os olhos para as suas mãos.

— Acho que não sei usar aquilo — assumiu.

— Sabe de que livros está à procura? — perguntou ela, com um suspiro, virando-se para o seu ecrã, minimizando o *Instagram*, vislumbrando brevemente a nova fotografia que Rahul, o seu ex, tinha publicado e abrindo a base de dados correta.

— Não, é aí que também preciso de ajuda.

Ela estava a esforçar-se mesmo muito para não perder a paciência.

— Receio não poder ajudá-lo se não souber que livros quer. Tenho apenas um motor de busca.

— Mas não tem conhecimentos sobre livros? Os bibliotecários sabem o que as pessoas querem ler. Eu sei o *tipo* de coisas. Eu quero ler livros de que vou gostar. Talvez até algo que possa partilhar com a minha neta... Como algo clássico, talvez? Romances, penso eu. Eu li *A Mulher do Viajante no Tempo*. — A sua mão voou para o saco e apertou-o com força. — Sim, eu gostei *mesmo* desse. Ajudou-me muito, esse livro ajudou-me muito.

— Nunca ouvi falar nele. Lamento muito, mas sou melhor com não-ficção, livros para a escola e outras coisas. Livros que me *ensinam* coisas. Eu não leio romances.

O homem parecia horrorizado, ficou boquiaberto.

— *Devia* conhecer romances. É o seu trabalho. Pode indicar-me alguma direção? Uma direção qualquer?

— Não, penso que talvez precise de usar o *Google* ou algo assim.

— Eu...

Ela levantou-se da cadeira, com um palpitar doloroso nas têmporas. Pensou na noite anterior — na sua mãe, fechada no seu quarto, no seu irmão a passarinhar no corredor, à escuta, a ver como ela estava. A preocupação estampada no seu rosto. Os olhos de Aleisha estavam doridos, cansados, a cabeça dela estava pesada.

— Por favor, senhor — saiu-lhe por entre dentes cerrados. — Sinta-se *à vontade* para percorrer as prateleiras, se quiser encontrar alguma coisa para ler. Os romances estão ali. — Ela acenou com o braço mais ou menos na direção certa.

Com estas palavras, sentou-se e viu o homem a dirigir-se às estantes, lenta mas decididamente. Voltou a olhar para ela algumas vezes, com o sobrolho franzido. Ela olhou fixamente para o seu ecrã, empenhada

em ignorá-lo. Começava a sentir na garganta alguma coisa que poderia ser culpa e que a fez tossir. O que é que lhe tinha passado pela cabeça? Voltou a enfiar os auscultadores, empurrando-os firmemente para dentro dos ouvidos.

Puxou uma luva de látex mais acima pelo braço, sentindo-a repuxar os pelinhos minúsculos da pele. Estava pronta a esquecer os últimos minutos, quando *outra* pessoa a abordou. Era um dos cinco utentes habituais: o Tipo dos Policiais e Thrillers. Estava quase sempre metido na secção dos policiais e thrillers, sentado nas mesas com vista para o parque. Ficava ligeiramente escondido do resto da biblioteca. Aconchegado, sossegado. Por vezes, quando a biblioteca fechava, Aleisha também gostava de se sentar lá, a olhar para a rua. Só por um minuto ou dois. Um intervalo antes de ir para casa. Um momento para se preparar.

— O que foi? — perguntou bruscamente. Ela sabia que estava a ser mal-educada, mas não tinha energia para se preocupar.

— Ei, desculpe — disse ele, sussurrando. Ele usava o cabelo comprido, demasiado comprido para um homem adulto, na opinião dela, e cobria-lhe grande parte do rosto. Gostava de t-shirts de cores vivas, mas usava quase sempre uma camisola grossa preta com capuz por cima. Só de olhar para ele, com temperaturas tão quentes de verão, sentiu-se esmorecer. — Só queria devolver este livro — disse, mostrando um exemplar de *Mataram a Cotovia*.

Ela apontou com o dedo de látex para a pilha das devoluções.

— Ponha-o ali e eu trato dele.

Ele acenou com a cabeça.

— Não é o meu thriller habitual, claro. Mas é realmente bom. Já o li algumas vezes. Estou sempre a voltar a ele... Ajuda-me a sair da minha cabeça... Bem, todas as histórias fazem isso, sabe? Este *sítio* faz isso por mim.

Ela franziu o sobrolho — se os crimes sombrios eram o *escape* daquele homem, então *de que diabos* estaria ele a fugir? Ela acenou com a cabeça em jeito de resposta.

O Tipo dos Policiais e Thrillers continuou a falar atabalhoadamente, embaraçoso e tímido.

— Este livro... sabe... Eu recomendá-lo-ia. — Ele ergueu as sobrancelhas e acenou quase impercetivelmente para o velhote, cercado pelas estantes. Aleisha franziu novamente o sobrolho e o homem acenou uma vez mais com o livro na direção do velhote. — É um *clássico*... um livro que *toda a gente* devia ler.

Ele salientou cada palavra, antes de depositar cuidadosamente o livro ao lado das outras devoluções — como se fosse uma espécie de presente precioso — e afastou-se de Aleisha devagar.

Qual era a onda dele? Estaria a tentar namoriscar com ela?

Quando o Tipo dos Policiais e Thrillers finalmente se afastou, Aleisha pegou no exemplar de *Mataram a Cotovia*, passou-o pelo leitor para voltar a registá-lo e começou a sacudi-lo em busca de eventuais papéis ilegais que teriam de ir parar ao lixo. Quando caiu do livro um pedacinho de papel, ela quase esperava que fosse o número de telefone ou a conta do *Instagram* dele ou algo assim. No entanto, ao desdobrá-lo, viu que era uma espécie de lista de compras. Suspirou, queria telefonar-lhe, dar-lhe nas orelhas por aumentar a sua carga de trabalho. Mas, depois, Aleisha observou melhor: a caligrafia era bonita, encaracolada em todos os sítios certos. Não era assim que ela imaginava que o Tipo dos Policiais e Thrillers escreveria. Percorreu novamente as palavras: era uma lista de livros.

Uma lista de leitura.

A lista continha oito títulos. Começava com *Mataram a Cotovia*, o livro que ela segurava nas mãos cobertas por látex.

Só para o caso de precisares:

Mataram a Cotovia
Rebecca
O Menino de Cabul
A Vida de Pi
Orgulho e Preconceito
Mulherzinhas
Beloved
Um Bom Partido

Inicialmente, atirou-a para a pilha das coisas a descartar. Mas conforme ia despejar o monte inteiro no caixote do lixo, algo a deteve. Tirou uma das luvas e passou cuidadosamente os dedos por cima das palavras delicadas de *Mataram a Cotovia* antes de enfiar o pedaço de papel na parte de trás da capa do telemóvel, juntamente com o cartão de fidelidade do restaurante de frango.

Pegou no livro, olhando para a capa e sentindo o peso das páginas nas mãos.

Depois, levantou-se e dirigiu-se ao velhote, com o coração a bater no peito e as palavras «um livro que *toda a gente* devia ler» a ecoarem-lhe na mente. Ali estava ele, o seu ramo de oliveira.

Há livros capazes de mudar uma vida para sempre...

Mukesh leva uma vida pacata num subúrbio de Londres e tenta manter as rotinas estabelecidas pela sua mulher, Naina, que faleceu recentemente. Vai às compras todas as quartas-feiras, frequenta o templo hindu e tenta convencer as três filhas de que é perfeitamente capaz de organizar a sua vida sozinho.

Aleisha é uma adolescente que trabalha na biblioteca local durante o verão e que, curiosamente, não gosta de ler. Até que encontra um papel amachucado dentro de um exemplar de *Mataram a Cotovia* com uma lista de livros dos quais nunca ouvira falar. Intrigada, e um pouco entediada com o seu trabalho, decide começar a ler os livros aí sugeridos.

Quando Mukesh vai à biblioteca para devolver um dos livros de Naina e pedir outras sugestões de leitura, numa tentativa de criar laços com a neta, Aleisha recomenda-lhe os títulos da lista. É assim que, livro a livro, vão descobrindo a magia da leitura e encontrando novos significados para as suas vidas. E é através destas leituras partilhadas que Aleisha e Mukesh encontram a força necessária para lidar com os desgostos e problemas do dia a dia e reencontram a alegria de viver.

«Um olhar tranquilo e ponderado sobre a solidão, a comunidade e os benefícios da leitura. Ideal para verdadeiros bibliófilos.»

Kirkus Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896237165



9 789896 237165 >

